

Sara Miriam Goldchmit  
Maria Cecília Loschiavo  
dos Santos  
Luciene Ribeiro dos  
Santos



DILÉA TOSCANO:  
DESIGN VISUAL, ESPAÇOS  
PÚBLICOS E ENSINO

RESUMO

Representante da geração pioneira de arquitetos graduados na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Odiléa Helena Setti Toscano (1934-2015) foi também docente da FAUUSP entre meados dos anos 1970 e o fim dos anos 1990, integrando o grupo de disciplinas de Programação Visual. Com senso estético apurado e traço de delicadeza inconfundível, Odiléa teve uma atuação marcante como artista gráfica, ainda pouco divulgada. Produziu desenhos, serigrafias, capas de livros, ilustrações para jornais e revistas e também projetos de painéis destinados a espaços arquitetônicos privados e públicos. Suas obras de maior visibilidade são os murais que realizou para diversas estações do Metrô de São Paulo. O objetivo deste artigo é apresentar um panorama de sua biografia e de sua trajetória profissional, acadêmica e docente, de forma a colaborar com o registro e divulgação da obra desta arquiteta que ofereceu grande contribuição ao campo do design visual. O presente artigo visa também homenagear a atuação pioneira da arquiteta.

PALAVRAS-CHAVE

Toscano, Odiléa Helena Setti (1934-2015). História do design. Design visual. Murais. Ensino. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP.

ODILÉA TOSCANO:  
DISEÑO VISUAL, ESPACIOS  
PÚBLICOS Y EDUCACIÓN

ODILÉA TOSCANO:  
VISUAL DESIGN, PUBLIC SPACES  
AND EDUCATION

RESUMEN

Representante de la generación pionera de arquitectos que se graduó en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Sao Paulo, Odiléa Helena Setti Toscano (1934-2015) fue también profesora de la FAU-USP entre mediados de 1970 y finales de 1990, integrando el grupo de enseñanza de Programación Visual. Con un sentido estético refinado y un rasgo inconfundible de delicadeza, Odiléa tuvo una notable actuación como artista, aún poco conocida. Ella produjo dibujos, serigrafías, portadas de libros, ilustraciones para periódicos y revistas, y también proyectó paneles para espacios arquitectónicos públicos y privados. Sus obras más visibles son los murales que construyó para varias estaciones del Metro de São Paulo. El objetivo de este trabajo es presentar una visión general de su biografía y sus trayectorias profesional, académica y docente, con el fin de colaborar con la memoria y divulgación de la obra de la arquitecta, que ofreció una gran contribución en el campo del diseño visual. En este artículo también pretende honrar el trabajo pionero de la arquitecta.

PALABRAS CLAVE

Toscano, Odiléa Helena Setti (1934-2015). Historia del diseño. Diseño visual. Murales. Enseñanza. Facultad de Arquitectura y Urbanismo - USP.

ABSTRACT

Representative of the earlier generations of architects graduated at the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of Sao Paulo, Odiléa Helena Setti Toscano (1934-2015) was also a professor at the FAUUSP between the mid-1970s and the late 1990s, by integrating the Visual Programming teaching group. With a refined aesthetic sense and an unmistakable trait of delicacy, Odiléa had a remarkable performance as a graphic artist, still little known. She produced drawings, serigraphs, book covers, illustrations for newspapers and magazines, and she also projected panels for private and public architectural spaces. Her most popular works are the murals that she created for several stations of the São Paulo Metro. The objective of this paper is to present an overview of her biography and her professional, academic and teaching trajectories, in order to collaborate with the recording and disclosure of the work of this architect who offered great contribution to the field of visual design. This article also aims to honor the pioneering work of the architect.

KEYWORDS

Toscano, Odiléa Helena Setti (1934-2015). History of design. Visual design. Murals. Teaching. Faculty of Architecture and Urbanism - USP.

## I. INTRODUÇÃO

Arquiteta formada pela FAUUSP e professora da faculdade por quase três décadas, Odiléa Toscano (1934-2015) teve uma atuação marcante como artista gráfica, que ainda não foi devidamente reconhecida. Produziu desenhos, serigrafias, capas de livros e ilustrações para o mercado editorial e também projetos de painéis e murais destinados a espaços arquitetônicos privados e públicos.

Além do interesse que as qualidades intrínsecas aos seus desenhos e projetos suscita, sua obra ganha ainda mais relevância por ter sido direcionada sempre para uma dimensão social: fosse em uma ilustração para o jornal, uma capa de livro ou um painel para o metrô, o seu traço elegante e delicado multiplicava-se através da reprodução industrial gráfica. Ganhava escala e visibilidade em espaços públicos de grande fluxo, como as estações do metrô. Soma-se a isto o compromisso que Odiléa manteve com a formação em arquitetura ao longo dos anos, tornando-se um exemplo notável de atuação em projetos que relacionam o design visual e o ambiente construído.

Vilanova Artigas (1963) identificou no trabalho de Odiléa não só a capacidade, mas também a responsabilidade de atribuir um conteúdo artístico à produção industrial brasileira:

*Acompanho de perto a expressão de Odiléa, como de outros artistas gráficos saídos dos bancos de nossa Escola de Arquitetura, hoje tão modificada em sua estrutura de ensino, golpeada pelo imperativo de preparar profissionais que possam interpretar o desenvolvimento industrial transformando-o em ferramenta para a expressão artística. Não discuto o humorismo penetrante, nem a riqueza gráfica que, em Odiléa, decorrem, a meu ver, de uma posição crítica em face da realidade que ela observa e explora com tanto vigor. É assunto para outros. O que mais me entusiasma é sentir a presença de artistas gráficos dêsse nível concorrendo para modificar o aspecto, e um pouco da estrutura mesmo, da produção industrial brasileira, comunicando-lhe um conteúdo artístico novo, inteligente. Artistas da geração de Odiléa são representantes de uma geração de intelectuais cuja visão dos problemas de nosso tempo ultrapassam as limitações do autodidatismo. O livro, a ilustração, a cartazística, todos os meios de comunicação visual, começam a revelar a presença de seu talento pessoal e mais a capacidade que tem de nutrir-se na cultura brasileira, em seus aspectos populares e eruditos. O que é preciso é reconhecê-los; criar os meios para que desempenhem a enorme tarefa que lhes cabe no desenvolvimento dêste país. (ARTIGAS, 1963, s.p.).*

Este artigo decorre de uma pesquisa de mestrado sobre a obra de Odiléa Toscano, realizada através de levantamento bibliográfico, coleta de imagens e entrevistas. A documentação dos desenhos originais e imagens dos projetos foi realizada em imersão nas mapotecas do ateliê da artista, além de consultas em acervos públicos, sebos e coleções particulares. Como as referências bibliográficas específicas sobre sua obra são escassas, foram realizadas entrevistas a fim de enriquecer o conhecimento sobre seu processo criativo, referências e resultados alcançados.

O objetivo principal deste texto é apresentar um panorama de sua biografia, a trajetória profissional, acadêmica e docente, de forma a colaborar com o

registro e divulgação da história da arquitetura e do design brasileiros. Com o seu falecimento em abril de 2015, aos oitenta anos, prestamos também uma homenagem à memória da arquiteta, que ofereceu grande contribuição ao campo do design visual.

## 2. ODILÉA HELENA SETTI TOSCANO (1934-2015): NOTAS BIOGRÁFICAS<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As informações contidas neste trecho foram compiladas a partir de depoimentos orais de Odiléa Toscano gravados em 16/03/2007, 13/09/2007, 27/09/2007 e 22/11/2007.

Nascida em São Bernardo do Campo, em 1934, descendente de família italiana por parte de pai e síria por parte de mãe, Odiléa cresceu em um ambiente onde havia incentivo ao conhecimento das artes e da cultura. Seu pai, Orlando Setti, estudou desenho têxtil em Milão e de lá trouxe não só o hábito do desenho de observação, mas também o conhecimento e a experiência do design industrial, influenciando Odiléa significativamente. Ainda muito jovem ela viu como uma aquarela feita em papel milimetrado poderia transformar-se em uma almofada.

*[...] Passei minha primeira infância perto de e muito ligada a algumas indústrias, tecelagens ou outras fábricas de pequeno porte, que visitei e frequentei pela mão de meu pai. Aprendi logo a respeitar e a reconhecer a dignidade dessas construções sóbrias, cujo partido arquitetônico provinha de princípios extremamente simples e que, no entanto, encerravam atividades que tinham para mim um sabor de magia. Nas tecelagens os fios incolores eram mergulhados nas mais variadas tintas e, combinados sob infinitas formas, eram transformados em seda macia, brilhante, cheia de cores e desenhos. (TOSCANO, 1981, p.13-14).*

O seu contato com as artes durante o período em que morou em São Bernardo ficava restrito aos incentivos paternos, à prática do desenho e à consulta de enciclopédias para conhecer a história da arte, além das vindas frequentes à ópera e aos concertos na capital. O primeiro grande encontro de Odiléa com a realidade artística foi aos seus dezessete anos, por ocasião da visita à 1ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, em 1951.



Ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1953, em uma turma com cinco moças e vinte e cinco rapazes. Foi aluna de Vilanova Artigas, Rino Levi, Abelardo de Souza, Carlos Lemos e Renina Katz. Os seus anos de formação na FAUUSP estiveram atrelados à efervescente discussão da arquitetura moderna. Em 1958 Odiléa casa-se com João Walter Toscano, notável arquiteto dessa geração. Desde então, passa a colaborar nos seus projetos arquitetônicos e urbanísticos, com participação especialmente no desenvolvimento do paisagismo.

**Figura 1:** Odiléa dentro do romiseta, nos tempos da FAU Maranhão. Em pé, seu colega Antonio Claudio Moreira Lima e Moreira.  
Foto: João Xavier.

As exposições de trabalhos na faculdade lhe deram visibilidade para realizar seus primeiros trabalhos profissionais ainda como estudante. Em 1957, foi convidada por Lourival Gomes Machado a produzir ilustrações para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde teve a oportunidade de publicar um desenho pela primeira vez. Entre o final dos anos 1950 e o começo da década de 1960, realizou projetos ladrilhos hidráulicos e azulejos para diversas residências e painéis para espaços comerciais, como: a sede da Air France, Farmácia Drogamérica, Indústrias Martini Rossi, Clube Recreativo de Assis, entre outros. Nesta mesma época, foi apresentada por Renina Katz aos irmãos Caio Graco e Yolanda Prado, donos da Editora Brasiliense, onde começou a trabalhar na coleção de livros *Jovens do mundo todo*, para a qual produziu cerca de quarenta capas no período de 1960 a 1966, merecedoras de divulgação internacional e um prêmio na 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas de São Paulo.

Em 1963, Odiléa e João Walter Toscano embarcam para uma temporada de um ano de estágio em Paris, recebendo bolsa de estudos do governo francês para o *Cours de Fabrication du Livre* do Lycée Estienne. Em 1965, João Walter Toscano recebe uma bolsa de estudos para documentar a arquitetura portuguesa, e o casal embarca novamente para a Europa, desta vez por seis meses em Portugal. Graças a uma bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, Odiléa frequenta o ateliê da Cooperativa dos Gravadores de Lisboa, um período rico de experimentação e desenvolvimento de uma linguagem pessoal.

Durante as décadas de 1970 e 1980, Odiléa seguiu produzindo ilustrações para diversos veículos de mídia impressa, como a revista *Bondinho*, os fascículos *Nossas Crianças*, revista *Saúde*, livros didáticos, cartilhas etc. É no começo dos anos 1990, no entanto, que produz suas obras de maior visibilidade: os painéis e murais para estações do metrô de São Paulo (Paraíso, Santana, Jabaquara e São Bento). Outro trabalho de destaque na cidade são as intervenções cromáticas na arquitetura e mural desenvolvidos para a Estação Largo 13 de Maio.

Em complemento à sua vasta atuação artística e profissional, Odiléa exerceu diversas atividades didáticas. Primeiramente, ministrou aulas no Curso de Formação de Professores de Desenho da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), de 1960 a 1963. De 1968 a 1970, atuou no Curso de Desenho Técnico de Comunicação do Instituto de Arte e Decoração (IADE). Em 1972, ingressou no quadro docente do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura de Santos (FAUS/UniSantos), instituição onde veio a ser nomeada Professora Titular da cadeira de *Mensagem* (atual disciplina de *Plástica*), ali permanecendo até 1985.

Odiléa foi também professora no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes



Figura 2: Odiléa em 1974, ao ingressar como docente na FAUUSP.  
Foto: Arquivos da USP.

da Universidade de São Paulo (ECA-USP), de 1973 a 1975. Em 1974, ingressa no Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), no Grupo de Disciplinas de Programação Visual, onde permaneceu até o ano 2000, quando ocorreu sua aposentadoria na carreira docente.

### 3. DO DESENHO AO DESIGN: PROJETOS VISUAIS GRÁFICOS E AMBIENTAIS

#### 3.1 Projetos visuais gráficos

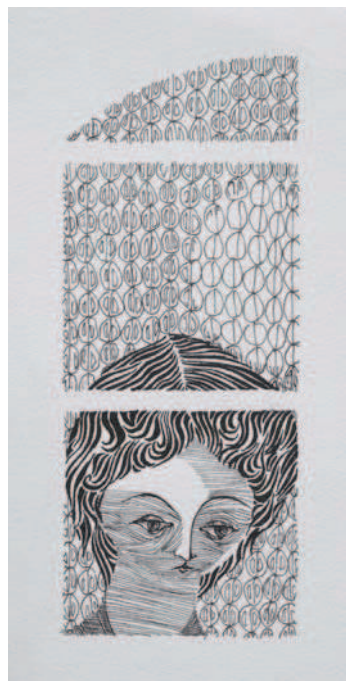
Serão comentadas a seguir três séries de trabalhos a partir dos quais é possível traçar algumas linhas de força que caracterizam a linguagem visual gráfica de Odiléa Toscano:

##### – Ilustrações para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*

Odiléa teve um desenho publicado pela primeira vez no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, caderno para o qual passa a ser ilustradora frequente (entre o final dos anos 1950 e começo dos anos 1960), em conjunto com outros artistas renomados como Di Cavalcanti, Renina Katz, Livio Abramo, Maria Bonomi, Marcelo Grassmann, Aldemir Martins, Fernando Lemos e Antonio Lizárraga, entre outros. Naquele momento em que se discutia sobre os meios de popularizar as artes visuais, o jornal era visto por muitos como suporte legítimo para atingir diferentes públicos, fora do circuito fechado das galerias e museus (COSTA, 1993). Os desenhos de Odiléa eram vinculados aos textos literários da página três.

Com um traço delicado, porém preciso, personagens são representados em situações cotidianas: em frente ao fogão, observando atrás da janela, conversando no sofá, costurando (Figura 3). O conjunto das ilustrações revela que o ambiente da casa é assunto de seu interesse, conforme Odiléa explica:

Figura 3: Ilustrações para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP.



*Elaborei cuidadosamente uma temática que envolve a relação entre os homens e os objetos e ambientes. [...] trabalhei mais frequentemente o espaço que circunda o homem em seu abrigo, procurando sempre enriquecer as imagens com um repertório de referências que pouco a pouco constrói este variado universo que é a habitação, em escala e qualidade. (TOSCANO, 1989, p.3)*

O universo feminino é também um tema implícito nas ilustrações. Do repertório de temas à sintaxe da sua linguagem visual, tudo passa pelo filtro da feminilidade, da delicadeza e da discrição. Segundo Julio Katinsky:

*De um modo geral a situação da mulher na família média paulistana resume-se numa vida sem atrativos e sem grandeza. Daí a ironia configurar-se em caricatura que não é meramente episódica, mas crítica de uma situação de existência, através do cuidado requintado aos pormenores, sem distinção da hierarquia tradicional nos aspectos da experiência quotidiana. Caricatura não agressiva mas filtrada por certa ternura nas linhas. (KATINSKY, 1963, s.p.).*

É importante dizer que foi sob os condicionantes da reprodução gráfica industrial que Odiléa conquistou sua linguagem no desenho, e que essa linguagem a acompanhou dali em diante como a sua marca registrada. Logo nas primeiras experiências no jornal, ela percebeu que a impressão com clichê de metal sairia mais escura e mais precisa a partir de linhas mais grossas. Assim, passa a desenhar com mais rigor, com traços mais robustos ou construindo planos a partir de tramas feitas com bico-de-pena e nanquim (Figura 4).

#### – Projeto gráfico para coleção de livros *Jovens do Mundo Todo*

Projeto de maior vulto entre os trabalhos de mídia impressa, as capas da coleção *Jovens do mundo todo* foram produzidas ao longo de seis anos de trabalho, rendendo-lhe um prêmio na 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas de São Paulo, além de divulgação internacional em revistas especializadas. Cumpre lembrar que, nos anos 1960, o design das capas passa

a ser uma das prioridades estratégia de vendas de livros. Em um contexto da cultura de massas e segmentação de mercado, que exige diferenciação visual constante dos produtos, muitas possibilidades de trabalho se abriram para os designers e ilustradores.

Odiléa criou cerca de quarenta capas para esta coleção infanto-juvenil. Desenvolveu um sistema gráfico (MELO, 2006), dividindo a área de capa em campos de informação fixa – o barrado superior, com o nome da coleção, e informação variável – parte inferior onde localiza-se o título do livro e a ilustração (Figura 5).



Figura 4: Ilustração para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde se verifica o uso de traços mais encorpados e hachuras, a fim de garantir a boa impressão do clichê no jornal. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP.

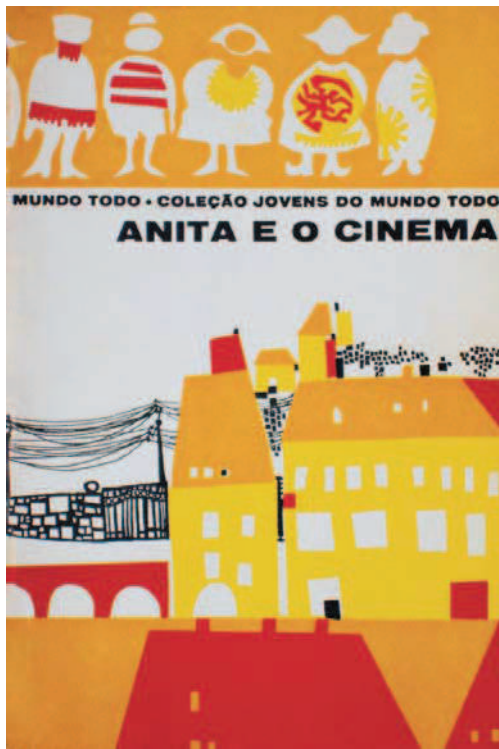


Figura 5: Algumas capas da coleção *Jovens do Mundo Todo* criadas por Odiléa Toscano (1960 – 1961), fotografadas pela autora, com base na pesquisa realizada.





Figura 6: Capas abertas dos livros *Aventuras no grande rio* e *Montes de Varna*, fotografadas pela autora.



Figura 7: Capas abertas dos livros *A pequena Robinson* e *Jovens atores em viagem*, fotografadas pela autora.



Figura 8: Ilustrações de Odiléa para a Revista *Bondinho*, fotografadas pela autora. Acervo de Odiléa Toscano.

Para cada livro, Odiléa fazia pesquisas visuais sobre os costumes, a geografia, a arquitetura, os personagens e os objetos do local e da época onde a história se passava. A ilustração resultante, portanto, carrega informações que situam o leitor acerca do romance, antes mesmo de abrir o livro. No aspecto cromático, ela não podia definir de antemão quais seriam as cores empregadas nas dezenas de layouts que estariam por vir, mas conseguiu criar combinações de cores bastante específicas para cada livro, o que também contribuía para ambientar a narrativa.

Uma característica que se verifica também em vários outros projetos é a sua desenvoltura na representação bidimensional do espaço real (Figura 6), que Katinsky (1963) associa à sua formação em arquitetura e ao conhecimento da história da arte:

*A primeira vez que o olho desarmado percorre o seu desenho, recolhe a impressão de uma coleção de bonecos sem a ordem que a perspectiva impõe: uma visão quase medieval. A segunda vez, já percebe algo que poderia caracterizar como “ironia”; porém a consciência não apreende com clareza para onde se dirige essa “ironia”: qual é o objeto de crítica da artista. Odiléa estudou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo onde, sabemos, aprendeu a divisão dos planos no plano, tão cara aos post-cubistas. Atentando nisto, aquela colocação aparentemente ingênua e ocasional revela-se como domínio das superfícies, criando uma noção de profundidade, não diretamente nos objetos representados – como na perspectiva clássica – mas através das relações entre objetos. (KATINSKY, 1963, s.p.).*

A qualificação de superfícies pelo uso de tramas é também um recurso típico de seu estilo. Hachuras em preto-e-branco feitas com nanquim dão ritmo e especificidade as figuras, oferecendo ao observador a possibilidade de um exame mais detido de suas nuances. As tramas coloridas, elaboradas a partir do recorte de papéis, dão graça e identificam materiais como tecidos, revestimentos de pisos e outros componentes da cena representada (Figura 7).

O desenho detalhado das tramas ou o recorte de papéis – assim como a costura, a culinária e outros afazeres domésticos – necessitam de mãos hábeis e alguma paciência. O fazer artesanal rege o seu processo de trabalho. Habilidades cotidianas misturam-se às habilidades profissionais nessa execução sempre manual, demorada e cuidadosa, que certamente foi para ela também fonte de grande satisfação.

#### – Ilustrações para a Revista *Bondinho*

*Bondinho* era uma revista que servia como guia da cidade de São Paulo, lançada em 1970 e inicialmente distribuída nos supermercados Pão de Açúcar. Em sua primeira fase, surge como uma revista de amenidades direcionada à classe média (KUCINSKY, 1991) que depois converte-se em um periódico da imprensa alternativa brasileira nos anos da ditadura, contemporâneo aos influentes *O Pasquim* e *Opinião*.

Para o *Bondinho*, Odiléa criou ilustrações cheias de humor e irreverência, com uma liberdade criativa raramente permitida em outros trabalhos (Figura 8). O trabalho editorial de Odiléa, assim como o de outros designers do mesmo período que empregavam desenho e colagem como meios de expressão, pode

<sup>2</sup> “Grupos como o Chermayeff & Geismar, de Nova York, ou o Pentagram, de Londres, aplicaram o estilo modernista de maneira inteligente e esclarecida aos programas de identidade corporativa das companhias multinacionais.” (HOLLIS, 2000, p.202). No Brasil, a produção de vertente modernista ficou a cargo dos escritórios de Alexandre Wollner, Cauduro Martino, Ruben Martins e Aloisio Magalhães.

ser considerado, sob certos aspectos, uma alternativa ao ideário moderno que definia o rigor e a disciplina presentes nos projetos de identidade corporativa tanto no exterior como no Brasil<sup>2</sup>. Tais posturas anti-geométricas, anti-funcionalistas e anti-racionalistas introduziam humor, acaso e um mau gosto assumido na estética moderna dominante. (CARDOSO, 2005).

Nesta série de ilustrações, percebe-se claramente a modernização dos processos gráficos ocorrida no fim da década de 1960 e, durante os anos 1970, como a disseminação do processo da fotocomposição (PAIXÃO, 1998) e dos novos materiais para a elaboração dos layouts como letraset, filmes coloridos transparentes, canetas hidrográficas etc. O recorte e a colagem de papéis coloridos – recursos que sempre fizeram parte de seu repertório – passam a contar com maiores possibilidades de cores, novas texturas, transparências etc.

Do ponto de vista semântico, os desenhos de Odiléa para o Bondinho não ilustram o passado, como ocorre nas capas da coleção *Jovens do Mundo Todo*, mas falam da cidade contemporânea, polifônica, repleta de imagens fornecidas cotidianamente pela televisão, pelo cinema e pela publicidade. Como os mestres da pop-art Robert Rauschenberg, Roy Lichtenstein e Andy Warhol, Odiléa retrabalha imagens tiradas de jornais e revistas, como um comentário crítico aos veículos de comunicação de massa.

### 3.2 Projetos visuais ambientais

#### – Murais em espaços comerciais privados

Os primeiros projetos de painéis e murais realizados por Odiléa destinaram-se a residências ou espaços comerciais privados, projetados pelo escritório de João Walter Toscano. A sua produção de murais para espaços particulares, geralmente resolvidos como pinturas figurativas, é pouco conhecida. No entanto, são obras singelas que representam um passo importante no seu percurso investigativo sobre o tratamento visual das superfícies: o desenho que



Figura 9: Farmácia Drogamérica (1964).  
Acervo de Paulo Queiroz Marques.



Figura 10: Clube Recreativo de Assis (1964).  
Acervo de Odiléa Toscano.

vai da folha de papel para a parede, ganhando escala, mas mantendo as mesmas características do traço sobre fundo branco. Nestes casos, o mural é realizado pelas mãos da própria artista. Por serem ambientes internos de baixa circulação, a parede pintada pode ser observada a uma distância próxima, permitindo a leitura atenta do desenho em detalhes, como ocorre na Farmácia Drogaméria (Figura 9) e no Clube Recreativo de Assis (Figura 10).

#### – Painéis e murais para espaços públicos

Para espaços públicos de grandes dimensões, frequentados por usuários anônimos e apressados, a linguagem linear do desenho cede lugar ao tratamento cromático integrado às superfícies arquitetônicas:

*Em todo o meu trabalho relacionado com a cor na arquitetura procurei sempre entender o caráter dos espaços, suas qualidades intrínsecas, de tal forma que qualquer intervenção cromática estivesse estreitamente ligada a esses elementos. Fiz dessa condição um princípio. (TOSCANO, 1991, p.109).*

Nos painéis públicos, Odiléa cuidava apenas da fase de projeto, que seriam posteriormente pintados por profissionais especializados, sob sua supervisão:

*A partir da oportunidade – e mesmo da necessidade – de se trabalhar com planos maiores, a execução passou a estar a cargo de firmas especializadas, cujos recursos permitiriam mais precisão e rapidez.*



Figura 11: Fachada da Estação Largo 13 de Maio (1985). In TOSCANO, João Walter. João Walter Toscano. São Paulo: J.J. Carol Editora, 2007, p.27.



Figura 12: Mural de Odiléa na Estação Largo 13 de Maio. Acervo de Odiléa Toscano.

*Acompanho sempre a ampliação dos traçados e construções geométricas e verifico a fidelidade das cores, muitas vezes trabalhando junto com os pintores, misturando tintas, para obter os valores o mais aproximados possível dos indicados no projeto. (TOSCANO, 1991, p.110).*

A Estação Largo 13 de Maio, projetada por João Walter Toscano, é um exemplo bem-sucedido de integração entre as propostas cromáticas e a arquitetura. A cor é pensada como elemento fundamental desde o início do projeto e incorpora-se à construção. Além dos tratamentos cromáticos da fachada, Odiléa executou também o projeto de um mural na parede localizada atrás dos trilhos, composto por uma sequência de arcos coloridos sobre fundo branco, com variações de largura e espelhamentos ao longo do percurso. Os arcos repercutem a sequência de pórticos de aço que estruturam o edifício, tornando-se, assim, uma continuação da própria arquitetura. A repetição dos arcos em sequência também pode ter significados associados ao ritmo do trem em movimento. Hugo Segawa (2015) comenta: “Considero a Estação Largo 13 uma das obras fundamentais da arquitetura paulista dos anos 1980. Não fosse a intervenção da Odiléa, a obra não teria a metade da graça que ela tem.”

Nos anos 1990, Odiléa participou da iniciativa “Arte no Metrô”, produzindo painéis e murais para quatro estações da linha Norte-Sul do Metrô de São Paulo – seu trabalho de maior visibilidade na cidade. Para cada estação, era preciso entender as características físicas dadas pelos volumes, pelos planos, pela luz etc., em conjunto com as características transitórias, como a circulação dos passageiros no decorrer do dia, os direcionamentos e a velocidade de seu andar, para então determinar quais os locais que receberiam as intervenções cromáticas. As pinturas deveriam ser trabalhadas de acordo com técnicas industriais de produção, prevendo boa durabilidade e facilidade de conservação.

A Estação Paraíso recebeu seis murais criados por Odiléa (Figura 13), localizados nas entradas da estação e nos principais acessos às plataformas.



Figura 13: Murais na Estação Paraíso do Metrô. Acervo Odiléa Toscano.

Além de tornar o percurso subterrâneo mais interessante, os murais ajudam o usuário a localizar-se em seu trajeto. As figuras expressam elementos da natureza, quase diluídos em uma abstração formal, especialmente quando vistas por um olhar apressado.

A escala cromática pensada para o conjunto apresenta valores tonais de baixa saturação, que se incorporam harmonicamente ao cinza do concreto. Há uma sugestão de camadas transparentes de cor que, de fato, não são transparentes. A impressão da transparência é conseguida através de uma detalhada programação dos campos de cor a ser preenchidos na figura, seguida da preparação de uma extensa gama de tons.

*[...] ainda encontro restrições em relação aos meus projetos, se quiser me ater apenas a tintas prontas disponíveis no mercado. Por essa razão, utilizo misturas que me permitem trabalhar no desenho com transparências, e com maior número de variações tonais. Para exemplificar, em alguns murais do metrô, preparamos até quinze valores distintos usando três ou quatro cores básicas. Tenho utilizado também o prata, que recebe a luz de maneira diferente, conferindo leituras diferentes a cada ponto de vista do observador. (TOSCANO, 1991, p.110).*

Assim como seus colegas Maurício Nogueira Lima e Renina Katz, que também criaram intervenções cromáticas para o projeto “Arte no Metrô”, Odiléa trabalha com a linguagem plástica simplificada das formas e das cores nas estações Santana, São Bento e Jabaquara. A geometria de Odiléa, contudo, raramente chega a uma abstração total. Refere-se, antes, a elementos da arquitetura como planos, perspectivas, arcos, janelas etc.

#### 4. PRODUÇÃO ACADÊMICA: A QUESTÃO CENTRAL DA CIDADE E SUA REPRESENTAÇÃO

Em suas pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado, Odiléa explorou o tema da representação dos espaços urbanos. Interessava-lhe a questão da passagem do tempo, a transformação dos lugares, a percepção sensível registrada através do desenho.

*Entre os múltiplos aspectos que a cidade apresenta, um dos que sempre me interessou de perto é aquele que revela as transformações configuradas por passagens que se assemelham a rupturas, convivência de grandes massas de edifícios com pequenos espaços que ainda guardam a escala de habitações enfileiradas, convivências essas que traduzem, não raro, o fenômeno da opressão. Registro esses espaços quando os percorro [...] e a cada mudança de direção julgo conquistar uma nova visual. (TOSCANO, 1981, p.6)*

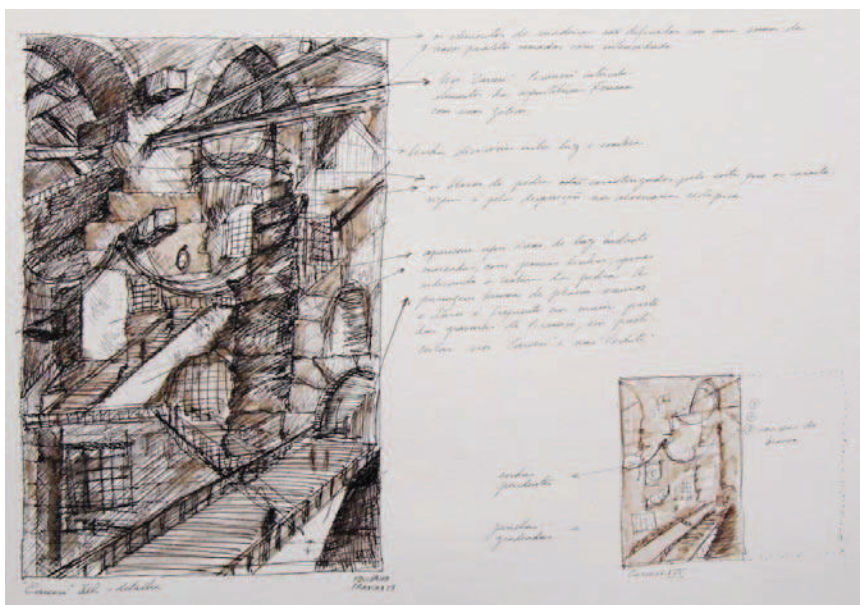
A dissertação intitulada “A cidade: imagens”, de 1981, contempla uma série de desenhos dos espaços da cidade, com depoimentos sobre o processo criativo. Essas imagens, feitas a partir da memória de lugares de São Paulo, misturam elementos da paisagem real e da imaginação, em um exercício livre de subjetividade poética.

Na tese de doutorado “A cidade contemporânea, a visão de Piranesi”, concluída em 1988, a questão da cidade é outra vez discutida, tomando-se

Figura 14: Desenho da dissertação de mestrado “A cidade: imagens” (1981).



Figura 15: Leitura gráfica da obra de Piranesi, apresentada na tese de doutorado “A cidade contemporânea: a visão de Piranesi” (1989).



como exemplo a obra de Giovanni Battista Piranesi. A pesquisa foi realizada através de um estudo aprofundado da biografia do artista e de sua produção, além de leituras gráficas de algumas obras. O vínculo de Odiléa com Piranesi decorre de uma identificação com este “arquiteto conquistado pela gravura” (TOSCANO, 1989, p.8) que “trabalhava dentro de sua individualidade sem deixar de incorporar um grande número de questões” (TOSCANO, 1989, p.18). Nas leituras gráficas repletas de anotações em torno dos desenhos, Odiléa decifra a representação piranesiana de elementos da arquitetura como arcos, abóbadas, escadas e a entrada da luz; o retrato das ruínas, das antiguidades; a alteração das escalas de acordo com a imaginação; a revelação dos tipos humanos; a presença das linhas de tensão que guiam o olhar.

O mestrado e o doutorado foram oportunidades importantes para explorar o gesto e a poética do desenho com uma liberdade maior do que a habitualmente permitida nos trabalhos editoriais, onde tinha a incumbência de se referir ao texto ilustrado. Assim, pode-se dizer que as pesquisas acadêmicas contribuíram para oxigenar o pensamento e alimentar de referências a sua atividade profissional.

## 5. ATUAÇÃO DOCENTE NA FAUUSP

*“Odiléa, minha nega...”: assim Renina Katz chamava Odiléa Toscano. As duas foram minhas professoras no 1º ano da FAU. Ela era legal. As duas, aliás. Odiléa, pra mim, entra para a categoria das que ficam iguais ao quarto de Manuel Bandeira no poema lindo: intacta, suspensa no ar.*

Álvaro Wolmer, arquiteto formado pela FAUUSP em 1983.

Odiléa Toscano integrou o Grupo de Disciplinas de Programação Visual do Departamento de Projeto de 1975 a 1999. Ministrou diversas disciplinas relativas ao tema das linguagens visuais no curso de graduação. Foi professora

da disciplina obrigatória *Meios de Expressão e Representação*, em conjunto com os colegas Renina Katz, Maria Diva Taddei, Minoru Naruto, Feres Khoury e Vicente Gil Filho, entre outros. O objetivo dessa disciplina era familiarizar os alunos do primeiro ano com os elementos que estruturam e organizam a linguagem visual. Os trabalhos práticos envolviam problemas relacionados com a linha, a superfície, o volume, a cor, o desenho como meio de representação e expressão, a imagem fotográfica (Figura 16). Hugo Segawa (2015) comenta o impacto dessas aulas logo no início do curso:

*No 1º ano da FAU, ela fazia par com Renina Katz. Eram duas professoras elegantes que se sentavam junto a uma prancheta [...] e atendiam os estudantes. A eloquência da Renina contrastava com a discrição da Odiléa. Conversar e ouvir a troca de comentários entre elas sobre o nosso trabalho era uma fascinante aula.* (SEGAWA, 2015, s.p.)

Figura 16: Fac-símile de programa da disciplina obrigatória *Meios de Expressão e Representação* (1981). Arquivo histórico do Departamento de Projeto (FAUUSP).





FAUUSP  
AUP 335  
EXERCÍCIO 2  
2º SEMESTRE 1996

UN PATIO

Con la tarde  
se cansaron los dos o tres colores del patio.  
Esta noche, la luna, el claro círculo,  
no domina su espacio.  
Patio, cielo encauzado.  
El patio es el declive  
por el cual se derrama el cielo en la casa.  
Serena,  
la eternidad espera en la encrucijada de estrellas.  
Grato es vivir en la amistad oscura  
de un saguán, de una parra y de un aljibe.

Jorge Luis Borges  
em "Obras Completas", página 23, Editora Emecé Editores SA, Buenos Aires, julho 1980

A partir do texto e do alfabeto "Linotype Didot" fornecidos, elaborar um exercício gráfico onde o texto deverá ser interpretado espacialmente. O alfabeto ou partes do mesmo, deverão ser utilizados como elementos gráficos, desde que, contenham os elementos principais definidores da tipologia do alfabeto. O campo, de formato obrigatório A4 (210 x 297mm), poderá ser tratado com técnica à escolha do aluno.

Figuras 17 e 18: Fac-símile de proposta de exercício da disciplina optativa *Linguagens dos Recursos de Reprodução Gráfica*, ministrada em dupla com Vicente Gil Filho (1996). Arquivo histórico do Departamento de Projeto (FAUUSP).

DIDOT ROMAN

A B C D E F G H I J K L M N  
O P Q R S T U V W X Y Z a b  
c d e f g h i j k l m n o p q r s  
t u v w x y z 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9  
, ; : ? ! # @ % & \* + \$ ã ~ [ { }

Nome Linotype Didot  
Classificação Didone  
Design Adrian Frutiger

W

Grande contraste entre as espessuras das linhas. Linhas muito finas.

O

Linhas curvas com eixo vertical

r

Serifas sem arremates triangulares

Ao longo dos anos, ministrou também disciplinas optativas que marcaram a formação de várias gerações de alunos. Suas aulas exerceram forte influência especialmente para aqueles estudantes que já mostravam uma inclinação para a área da programação visual. As optativas ofereciam a vantagem de se trabalhar com turmas menores. Daniel Bueno, arquiteto formado pela FAUUSP em 2001, registra nesse sentido o seguinte depoimento:

*Se for pra citar algum momento chave, considero a disciplina optativa de cenografia (O Espaço de Representação), no finalzinho do curso de Arquitetura da FAU, como fundamental para que eu começasse a pensar em ser ilustrador. Ministrada pelo professor Silvio Dworecki, teve também a participação da Profa. Odiléa em muitas aulas. Olha só o privilégio: eu podia passar a tarde toda, às vezes sozinho com eles, mostrando meus desenhos para o Silvio e a Odiléa. (Depoimento de Daniel Bueno à autora, abril de 2015.)*

No âmbito das disciplinas optativas, Odiléa Toscano abordava diversos desdobramentos do tema central das linguagens visuais, tais como o desenho expressivo da paisagem ou os processos artesanais de reprodução gráfica – xilogravura, serigrafia e tipografia – experimentados no Laboratório de Produção Gráfica da FAUUSP. Destaca-se a sua atuação na disciplina optativa *Linguagens dos Recursos de Reprodução Gráfica*, ministrada em dupla com Vicente Gil Filho nos anos 1990, na qual eram desenvolvidos exercícios visuais a partir de um determinado alfabeto tipográfico, tendo imagens e textos sobre o espaço da arquitetura como estímulo para o trabalho (Figuras 17 e 18).

No âmbito da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, participou de diversas bancas de avaliação de trabalhos, e foi orientadora de cinco dissertações de mestrado: “A paisagem: sua poética, sua representação”, de Ariane Cole (1998); “Espaço de relacionamento: a presença do lúdico nas atividades de recreação, de Márcia Benevento (1999); “As linguagens artísticas e a cidade”, de Jorge Bassani (1999); “Design editorial no Brasil: Revista Senhor”, de Fernanda Sarmiento Barata (2000); e “Um percurso em design gráfico e comunicação visual”, de Ruth Klotzel (2007).

## CONCLUSÃO

Acompanhar a trajetória de Odiléa Toscano nos ensina a oportunidade de resgatar um capítulo longo e pouco conhecido da história do Design brasileiro e latino-americano, seu desenvolvimento e consolidação. Sua atuação docente merece destaque por contextualizar-se nos primórdios da educação em design no país, através da formação em design na FAUUSP destinada a arquitetos e urbanistas. Outro ponto relevante em sua vida e obra refere-se ao papel da mulher na criação do design, sobretudo em um meio profissional predominantemente masculino.

A obra artística de Odiléa manifesta, com caráter estético *sui generis*, a construção de uma linha de trabalho que influenciou várias gerações de profissionais. Se por muitos anos o design esteve restrito a círculos elitistas, como signo de prestígio, Odiléa esteve comprometida com sua democratização, levando-o aos espaços públicos da megalópole e ampliando o acesso a suas criações.

Com tristeza, as autoras deste artigo lamentaram sua partida, em uma tarde ensolarada do outono de 2015. Perdemos nossa companheira, mas sua obra permanecerá vibrante e pronta a ser explorada, para melhor compreensão das relações entre o design e o ambiente construído.

## REFERÊNCIAS

- ARTIGAS, Vilanova; KATINSKY, Júlio Roberto. *São Paulo*. São Paulo: Galeria Ambiente, 1963. (Folder da Mostra de Artes Gráficas).
- CARDOSO, Rafael. *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- COSTA, Cacilda Teixeira. *Obras para ilustração do Suplemento Literário 1956-1967*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1993.
- HOLLIS, Richard. *Design gráfico: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.
- MELO, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- PAIXÃO, Fernando (Org.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.
- SEGAWA, Hugo. Lembrando Odiléa. FauInforma – *Boletim informativo diário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP*. 9 de abril de 2015. Disponível em: < [http://www.fau.usp.br/noticias/lembrando\\_odileia\\_\(1\).pdf](http://www.fau.usp.br/noticias/lembrando_odileia_(1).pdf)>. Acesso em: 30 abr.2015.
- TOSCANO, Odiléa Setti. *A cidade: imagens*. 1981. 30p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- TOSCANO, Odiléa Setti. *A cidade contemporânea, a visão de Piranesi*. 1988. 135p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- TOSCANO, Odiléa Setti. Entrevistas concedidas à autora em 16/03/2007, 13/09/2007, 27/09/2007 e 22/11/2007.
- TOSCANO, Odiléa Setti. Propostas cromáticas na arquitetura. *Projeto*, 1991, n. 139, p.109-110.

### **Nota do Editor**

Data de submissão: Março 2015

Aprovação: Agosto 2015

---

#### **Sara Miriam Goldchmit**

Professora Doutora do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), no grupo de disciplinas de Programação Visual. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado e Doutorado em Design e Arquitetura pela FAUUSP. Tem experiência na área de Design Visual, atuando principalmente nos temas: comunicação visual, linguagens, processos criativos e ensino.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).  
Rua do Lago 876 - Butantã  
05508-080 - São Paulo, SP, Brasil  
(11) 30914535  
saragold@usp.br

#### **Maria Cecilia Loschiavo dos Santos**

Professora Titular de Design da Universidade de São Paulo e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Graduação, Licenciatura, Mestrado e Doutorado em Filosofia pela FFLCH-USP. Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Orientadora de pós-graduação na FAUUSP e no Programa de Ciência Ambiental (Procam). Tem experiência na área de Design, com ênfase nos seguintes temas: sustentabilidade, design brasileiro, design social, exclusão sócio-espacial e filosofia do Design.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).  
Rua do Lago 876 - Butantã  
05508-080 - São Paulo, SP, Brasil  
(11) 30914535  
closchia@usp.br

#### **Luciene Ribeiro dos Santos**

Bacharel em Letras com dupla habilitação (Língua Portuguesa e Língua Francesa) pela FFLCH-USP. Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua e Literaturas de Expressão Francesa pela PUC-SP. Secretária adjunta do Departamento de Projeto da FAUUSP e pesquisadora na área de Design e Arquitetura. É associada ao Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), e realiza trabalhos de tradução desde 1999.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).  
Rua do Lago 876 - Butantã  
05508-080 - São Paulo, SP, Brasil  
(11) 30914535  
lucyene@usp.br